



Editorial

Com este Editorial tenho o prazer de apresentar o terceiro número da revista *Acta Scientiarum: Language and Culture*, vol. 39, referente ao ano de 2017, dedicado à área de literatura. Os artigos discutem várias questões decisivas para os estudos literários, seja sobre a construção da narratividade pelas imagens na literatura infantil às considerações sobre o caráter ideológico de alguns desenvolvimentos da teoria literária contemporânea, passando por novos olhares para a comédia grega de Aristófanes e a latina de Plauto, bem como para o teatro romanescos de Gil Vicente. Não faltam artigos que procuram, no âmbito das relações entre arte e sociedade, localizar historicamente os artefatos literários, como as Cartas Chilenas e as Cartas Marruecas, assim como o texto *El ritmo*, de Rueda, bem como o processo de aceitação da poesia de Cora Coralina, que também dialoga com o protagonismo das mulheres em *Howards End*, de Forster. Em suma, neste número temos artigos que articulam os níveis de análise teórico, histórico e crítico, discutindo até mesmo a aceitação pacífica de teorias hoje dominantes. Isso é fundamental para que possamos revisitar a função social tanto da arte quanto dos discursos sobre ela, que são tanto da crítica quanto da performatividade da arte, e para que não sejamos tragados pela barbárie que nos assola de todos os lados nos dias de hoje.

No primeiro artigo, intitulado **Los límites de la teoría de la post-autonomía frente a las manifestaciones literarias de las periferias brasileñas de São Paulo**, Lúcia Tennina questiona se a produção narrativa e poética da periferia de São Paulo não pode ser compreendida no âmbito da discussão sobre a pós-autonomia da literatura, ao invés de serem vistas apenas como ‘literatura documental’, chancela que trai também o caráter ideológico do conceito. Em seguida, o artigo de Sonia Pascolati **Ilustração na literatura infantil** discute o papel fundamental da imagem na literatura infantil, que vai de “mera coadjuvante à primazia em relação à palavra escrita.” Nesse sentido, a ilustração não se limita a dar concretude ao texto, muito pelo contrário: entre outras funções, pode contribuir para a narratividade, por vezes entrando em tensão com o texto, discussão das mais férteis em uma época em que as fronteiras artísticas estão cada vez mais borradas, sendo preciso discorrer sobre suas articulações. O terceiro artigo, **De uma literatura combativa a uma literatura pacificada: a questão do controle sobre a poesia de Cora Coralina**, de Lúcia T. Mollo e Anderson N. da Mata, pesquisa o longo e conturbado percurso pelo qual a poesia de Cora Coralina passou até que fosse reconhecida, havendo a necessidade, inclusive, do aval de um poeta incontestado, no caso Drummond. Entre os motivos da postergação do reconhecimento está sua condição de mulher velha e sem posses, além da perspectiva de uma escrita popular por personagens marginalizados. Esse processo precisa ser explicitado para não se recair no inócuo universalismo da classicidade. Em seguida, Luís A. Nepomuceno, em **O príncipe disfarçado no teatro romanesco de Gil Vicente**, faz uma análise estética sobre a construção de personagens – príncipes disfarçados – sem deixar de trazer uma dimensão histórica e social para o centro do debate – e, portanto, para a compreensão do conceito de estética. Para isso, ele toma como objetos quatro peças de Gil Vicente que são dramatizações de trechos de romances de cavalaria, que estavam em evidência no início do século XVI. Com isso, além de discutir peças que são pouco estudadas do autor português, ele se vale da relação entre a narrativa e o teatro, que são muito instrutivas. No quinto artigo desse número, intitulado **Blandiri officium meretricium est: estratégias de persuasão das meretrizes na comédia plautina**, Carol M. da Rocha explica que as meretrizes na comédia de Plauto são mais do que tipos caricaturais, sendo essa a apreciação mais corriqueira que se faz delas. Ela se serve de trechos das peças

Báquides, *Cásina* e *Menecmos* para mostrar a “sutil capacidade de sedução por meio da fala” (*blanditia*) que faz as meretrizes nessas comédias ganharem um estatuto bem mais complexo, que se apresenta como um jogo entre ocultar e revelar como estratégia de persuasão. Isso faz com que seja plausível a inversão de posições por uma estratégia mais insinuada e silenciada do que explícita. No próximo artigo, **Mecanismo de performance cênica nas comédias de Aristófanes**, Jane K. de Oliveira toma como objeto as comédias gregas de Aristófanes, do século V a.C. Importa ao artigo estudar dimensões que, normalmente, são deixadas de lado no estudo do teatro clássico, mesmo das comédias: algumas indicações sobre a performance cênica, que são importantes tanto para os atores se localizarem em cena, quanto para uma plateia que precisava de informações sobre o andamento cênico. Esses mecanismos radicavam, sobretudo, no coro, com falas-lembrete e como sinalizador para os espectadores sobre o desenvolvimento do enredo. Seu trabalho ajuda a compreender a importância da construção da performance cênica pelo texto dramático, que não é alheio ao palco. O sétimo artigo tem como título **As Cartas Chilenas e as Cartas Marruecas: entre o apelo iluminista e a tradição ibérica**, e foi escrito por Marcelo F. de Lima e Naira de A. Nascimento. Seu texto discute em que medida esses textos, ambos circulando no Brasil e na Espanha no ano de 1789 (embora as Cartas Chilenas tenham sido publicadas apenas em 1845), estão ligados à “linhagem literária epistolar disseminada durante o século XVIII” conhecida como Cartas Pseudo-orientalizantes, que remontam às Cartas Persas de Montesquieu. O artigo avalia a filiação estética sem submissão à alguma normatividade preestabelecida, visto que as obras também discutem questões específicas do espaço ibérico no final do Antigo Regime. O oitavo artigo, **Um remédio contra a anquilose hispânica: El ritmo (1894), de Salvador de Rueda**, tem autoria de André Fiorussi, localizando-se no âmbito do modernismo hispano-americano. O ponto de partida traz à tona novamente a relação complexa entre arte e sociedade: ele indica como o atraso da poesia em espanhol nas duas últimas décadas do século XIX seria um resultado de sua defasagem também em processos de modernização social e econômica. Daí uma poesia espanhola “anquilosada por uma excessiva obediência a autoridades caducas de sua própria tradição.” Contra esse estado de coisas, no campo da cultura, Rueda escreve *El ritmo*, para a superação desse travamento estético, tema debatido no artigo. O nono artigo, intitulado **Representações do protagonismo feminino em *Howards End*, de E. M. Forster**, escrito por Alexandre M. de Aguiar e Fulvio T. Flores, investiga como os núcleos familiares femininos no romance em questão são decisivos para uma análise sociocultural das três classes sociais que aparecem no romance: a elite econômica, a burguesia e o proletariado. Isso permite que a localização histórica e a avaliação estética do romance, no início do século XX, ganhem força a partir do lugar da mulher na sociedade inglesa de então. Era um momento de mudanças profundas, e as mulheres pleiteavam direitos igualitários no trabalho e no meio político. No último artigo, **The deep search ok knowledge: George Chapman’s glosses in *The Shadow of Night* (1594)**, Lavinia Soares mostra que Chapman “cumprir a função de comentador e legitimador de sua própria invenção poética”. Isso porque ele mesmo escreve e publica glosas a respeito de seu poema, com o intuito de criar também os parâmetros segundo os quais sua poesia ganharia legibilidade. Com isso se questiona, a um só tempo, qualquer concepção de obra que seja autônoma e se baste a si mesma (eterna) como, também, a autoridade dos modelos a serem imitados, evidenciando que uma obra de arte faz parte de um processo vivo, com significados construídos histórica- e socialmente.

Desejamos aos nossos leitores uma leitura interessante e produtiva!

Alexandre Villibor Flory

Editor Associado da Revista *Acta Scientiarum. Language and Culture*